

A VULNERABILIDADE DE MULHERES DOCENTES DURANTE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

AMANDA MIRANDA MELO DA MATA QUINTAS

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco. amanda.mquintas@ufpe.br

MARIA SANDRA MONTENEGRO SILVA LEÃO

Doutora em Educação: História, Política, Sociedade, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. sandra.montenegro@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo é resultado de uma reflexão sobre a situação de vulnerabilidade de mulheres docentes, em especial as pertencentes a baixos estratos econômicos, no contexto do ensino remoto, ocorrido na pandemia do Coronavírus. Desse modo, analisou-se as sobrecargas de tarefas dessas professoras, em ter que conciliar as aulas oferecidas no ambiente doméstico, a responsabilidade com a família e os afazeres do lar, devido às construções sociais e culturais que impõem o dever de cuidado e assistência ao gênero feminino. O texto foi construído a partir de análises teóricas dos livros de: Guacira Lopes Louro: Gênero, sexualidade e educação; Sandra Harding: A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista; Heleieth Saffioti: A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade; e Raewyn W. Connel: Como teorizar o patriarcado. Nessas obras, são tratadas questões de gênero, em que as relações de poder subjagam as mulheres. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo principal analisar a situação de vulnerabilidade no trabalho exercido pela professora, no contexto da pandemia do Coronavírus, devido às disparidades ainda presentes entre os papéis socialmente designados a homens e a mulheres. Para isso, foi utilizada a metodologia qualitativa, do tipo bibliográfica e serviu de material de análise matérias jornalísticas. Como resultado, espera-se que haja a busca de um verdadeiro comprometimento dos políticos e da sociedade sobre a efetivação de políticas de igualdade plena entre os gêneros, de modo a sanar o problema em questão que presenciam essas mulheres docentes no ensino remoto.

Palavras-chave: Pandemia. Mulheres. Docentes. Vulnerabilidade.

ABSTRACT

This article is the result of a reflection on the situation of vulnerability of women teachers, especially those belonging to low economic strata, in the context of remote teaching, which occurred in the Coronavirus pandemic. In this way, the overload of tasks of these teachers was analyzed, in having to conciliate the classes offered in the domestic environment, the responsibility with the family and the house chores, due to social and cultural constructions that impose the duty of care and assistance to the feminine gender. The text was built from theoretical analyses of the books by: Guacira Lopes Louro: Gender, sexuality and education; Sandra Harding: The instability of analytical categories in feminist theory;

Heleieth Saffioti: Women in class society: myth and reality; and Raewyn W. Connel: How to theorize patriarchy. In these works, gender issues are dealt with, in which power relations subjugate women. In this way, the present article has as its main objective to analyze the situation of vulnerability in the work performed by the teacher, in the context of the Coronavirus pandemic, due to the disparities still present between the roles socially assigned to men and women. To this end, a qualitative, bibliographical methodology was used and journalistic materials were used as analysis material. As a result, it is expected that there will be the search for a real commitment from politicians and society about the effectiveness of public policies of full equality between genders, in order to solve the problem in question that these women teachers witness in remote teaching.

Keywords: Pandemic. Women. Teachers. Vulnerability.

INTRODUÇÃO

Diante da crise sanitária vivenciada, desde março de 2020, o isolamento social foi medida imperativa devido ao alto risco de contágio do vírus Sars-CoV-2. Essa situação mudou rapidamente a rotina das pessoas, tendo em vista a necessidade de adaptação ao trabalho e estudo remoto, além da dimensão econômica gerada naqueles que não têm como produzir renda em casa e, ao mesmo tempo, possuem obrigações financeiras a saldar. Assim, grandes dilemas e medos vêm sendo experimentados em consequência dessa doença ser bastante letal e desconhecida.

No contexto da educação, os professores tiveram que se reinventar para conseguir oferecer aulas remotas, além de terem que realizar o trabalho em estrutura improvisada, dentro de suas casas, para alunos que, muitas vezes, não tinham acesso às tecnologias digitais. Por isso, durante a pandemia, alguns docentes comprometeram suas rendas com compras de aparelhos eletrônicos para garantirem aulas de melhor qualidade aos discentes, o que foi também um grande desafio, uma vez que tiveram que aprender a lidar com as mudanças tecnológicas, ante a nova forma de lecionar.

Os desafios se intensificaram, em especial, para as mulheres professoras, no contexto do atual problema de saúde, que, por conta do sexismo e da divisão gênero desigual do trabalho, acaba recaindo sobre elas a execução das atribuições, como: cuidar da casa e dos filhos, ter que se atualizar com as inovações da sua profissão e dar conta de extensos horários no ofício. Por exemplo, nos casos em que a docente tem arranjo familiar monoparental, sendo mãe solo, a dificuldade é ainda maior, em razão de ter que conciliar o emprego com os cuidados do lar e dos filhos, sem uma rede de apoio, a depender das próprias condições socioeconômicas e culturais.

Nesse cenário, a problematização do presente artigo está na reflexão sobre a questão de gênero e a representação como descrições que refletem as práticas dos sujeitos, associada à mulher docente, especialmente as que se encontram em uma circunstância econômica e social desprivilegiada, que, em razão do sistema patriarcal, na conjuntura da pandemia do Coronavírus, tem vivido uma situação de vulnerabilidade face à evidente situação de sobrecarga laboral acumulada com extensos afazeres domésticos e criação dos filhos (LOURO, 1997).

Assim, as próprias mulheres docentes, muitas vezes, internalizam e reproduzem práticas discriminatórias a partir da concepção que lhes é atribuída pela comunidade, sendo sujeitos definidos pelas instituições e práticas sociais no que se refere às representações de gênero, segundo Louro (1997). Haja vista a acomodação cultural da sociedade sobre o tema, as pessoas acabam naturalizando e até romantizando o sofrimento dessas condições de trabalho, por entenderem ser o real papel social da mulher e docente.

Dessa forma, o corrente artigo traz a reflexão sobre: Em que medida o sistema patriarcal interfere na rotina doméstica e laboral de mulheres docentes pertencentes a classes econômicas mais baixas, no contexto da pandemia do Coronavírus? Quais as condições de trabalho que contribuem para a vulnerabilidade da mulher professora que estão sendo ofertadas a elas na conjuntura contemporânea? Qual a importância da mídia como consentidora e/ou mantenedora de opressões existentes no trabalho de mulheres docentes mais desfavorecida economicamente?

Ademais, o presente estudo justifica-se pela análise da perspectiva da professora e sua relação com o trabalho remoto, durante a pandemia do Coronavírus, no intuito de refletir sobre a vulnerabilidade gerada pelas demasiadas atribuições, como os afazeres domésticos, atenção à família, funções escolares, entre outros. Contexto este intensificado devido a uma sociedade patriarcal ainda vivenciada em pleno século XXI. Outrossim, ressaltar a valorização a qual deve ser dada ao gênero em questão e seu papel na sociedade, independente de seus interesses na educação, familiar, entre outros.

Posto isso, o objetivo desse artigo consiste em analisar a situação de vulnerabilidade no trabalho exercido pela professora, no contexto da pandemia do Coronavírus, devido às disparidades ainda presentes entre os papéis socialmente atribuídos a homens e a mulheres. Além disso, o corpus da pesquisa é constituído por uma matéria jornalística acerca da situação de vulnerabilidade exposta por uma professora na gravação de sua videoaula. Com isso, investigaremos como a naturalização do machismo repercute na opressão do trabalho docente exercido na pandemia do Coronavírus pelas mulheres pertencentes a camada social de menor renda.

1. UMA BREVE VISÃO SOBRE A PROFESSORA E SEU PAPEL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

As mulheres por muito tempo **não podiam frequentar espaços públicos**, não podiam trabalhar em qualquer lugar, muito menos exercer formação intelectual. Isso ocorria porque elas eram submetidas aos homens de sua família, geralmente seus pais, irmãos e maridos. Assim, como afirma Saffioti (1978, p. 18), “A felicidade pessoal da mulher, tal como era então entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade”.

Após os movimentos **feministas, no final do século XIX**, surgiu a reivindicação da mulher pelos direitos de voto e trabalho (fora do lar), com isso **ela alcançou vários direitos, de modo que** a sua vida social abarcou um maior alcance. Nessa perspectiva, o problema histórico, que perpassa por gerações, desencadeia ainda hoje em uma desigualdade fundamentada pelo gênero. Isso acaba acarretando na desvalorização das mulheres, que, apesar de ser maioria no Brasil, ganham menos, numericamente ocupam menos posições de chefia e cargos eletivos que os homens, trabalham mais no ambiente doméstico e exercem mais trabalho não remunerado.

Ao longo do séc. XIX, as mulheres iniciaram seu ingresso no magistério ante a crescente industrialização do país. Desse modo, o seu ingresso no mercado de trabalho se deu a partir das carreiras de cuidadoras, como exemplo: enfermeira, assistente social e professoras. A partir daí, com as mulheres ocupando esse espaço, começa-se a idealizar o feminino, como sendo mais afetuosas, mais preocupadas com as pessoas, mais cuidadosas, limitando suas possibilidades de participação em outras esferas sociais, como noticia Almeida, Santos, Lirio e Bohn (2021). Apesar disso, as diferenças de tratamento no trabalho dos professores e professoras se perpetuaram, segundo afirma Louro:

Embora professores e professoras passem a compartilhar da exigência de uma vida pessoal modelar, estabelecem-se expectativas e funções diferentes para eles e para elas: são incumbidos de tarefas de algum modo distintas, separados por gênero (senhoras honestas” e “prudentes” ensinam meninas, homens ensinam meninos), tratam de saberes diferentes (os currículos e programas distinguem conhecimentos e habilidades adequados a eles ou a elas), recebem salários diferentes, disciplinam de modo diverso

seus estudantes, têm objetivos de formação diferentes e avaliam de formas distintas (1997, p. 95-96).

Segundo pesquisa do Inep (BRASIL, 2021), as mulheres docentes, até nos dias de hoje, formam o maior número na categoria do professor e isso se explica como o cuidar ainda está atrelado ao espaço feminino, conforme bem explicitado por Zimmerrmann, Vicente e Machado:

Gradualmente, a mulher (burguesa) deixou de ser instruída tão somente para cuidar do lar, ganhando seu espaço no mercado de trabalho, entretanto, esse mercado ainda se configurava um espaço feminino, pois ser professora é, antes de mais nada, cuidar de crianças, ao menos é assim que prega o senso comum na sociedade patriarcal (2021, p. 04).

Numa perspectiva de classe, as mulheres basicamente de classe média, ou média baixa, são as que entram no ramo do trabalho da educação, o que justifica o discurso de que a professora não precisa ser bem remunerada, pois ela é casada, arrimo de família, e não precisa ganhar bem, nos termos de Silva, Cardoso, Abreu e Silva:

A atuação feminina em profissões de cuidado de uma construção histórica, cultural e social, resultante da configuração de uma sociedade machista, patriarcal e misógina nas quais atividades relacionadas ao cuidado deveriam ser desempenhadas pelas mulheres, incluindo a reprodução e cuidados com a casa, com os idosos e com os (as) filhos (as), já as atividades do ambiente público e melhores remuneradas, atividades do pensar, deveriam ser desempenhadas pelos homens (2020, p. 05).

A divisão social do trabalho explicita a relação desigual entre homens e mulheres, de modo que é um dos fundamentos da teoria do patriarcado, conforme Connel:

A primeira forma de uma teoria do patriarcado, portanto, é uma síntese em cima de princípios que são capazes de levar, diretamente, a uma explicação de uma estrutura social completa. O princípio clássico deste tipo é a divisão social do trabalho; e existem várias explicações do patriarcado que usam isto como seu princípio organizador. Assim, Delphy baseia uma análise da posição das mulheres na forma pela qual elas ganham seu pão diário. Ela vê o patriarcado como uma estrutura baseada no "modo

familiar de produção”, no qual o trabalho das mulheres é apropriado pelos homens, o casamento funcionando basicamente como um contrato de trabalho (1990, p. 87).

Dessa forma, revelam-se, a partir do contexto histórico relatado, como os papéis das mulheres e dos homens foram incorporados socialmente e repercutem ainda na contemporaneidade na continuação da desigualdade de direitos entre os sexos.

2. A CONDIÇÃO DE TRABALHO DA PROFESSORA ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS.

No Brasil, a partir das reformas educacionais, houve diversas mudanças para os trabalhadores da educação. No entanto, na contemporaneidade, ainda perpetua as condições de trabalho precárias para essa categoria profissional, como: uma precarização de escolas, predominantemente no sistema público de educação, a desvalorização e desqualificação da força de trabalho, baixa remuneração, que repercute na necessidade do professor ensinar em vários turnos para obter uma renda maior; de modo que essa área continua a ensinar mudanças.

Estas condições de trabalho podem acarretar em doença física e mental dos professores, interferindo na qualidade da aula oferecida. Vale ressaltar que o recurso adequado é de suma importância até mesmo para repercutir numa melhor qualificação do ensino do docente para o discente.

Posteriormente à pandemia do Coronavírus, as condições de trabalho das professoras foram ainda mais agravadas, em razão de ser a mulher e docente mais vulnerável ante a divisão sexual do trabalho que foi incorporada socialmente, atribuindo à mulher as tarefas de cuidados e assistência.

Dessa forma, infere-se que a vulnerabilidade de algumas professoras, no contexto da Pandemia do Coronavírus, pode ser resultado da pressão no âmbito administrativo das escolas, da mudança drástica de ensino, das imensas interferências dos próprios familiares e dos alunos, das rotinas das atividades do lar, que ocorrem devido à atribuição histórico-cultural à mulher de todos os papéis de cuidado e assistência. Portanto, o amálgama entre o trabalho e a família findou em um aumento na carga laboral, justificando eventual desequilíbrio emocional, o qual interfere na saúde mental e física.

Essas sobrecargas se evidenciam pela representação da mulher docente, que, segundo Louro (1997), é criada a partir de relações sociais de poder, explicitando a construção da desigualdade entre os gêneros, uma vez que foi construída e difundida por homens: religiosos, legisladores, pais e médicos. Historicamente, são considerados como importantes os fatos narrados por homens, brancos e burgueses, o que faz a tradição da desigualdade sexual se perpetuar (HARDING, 1993).

Além disso, o modo emergencial de ensino, aprovado pelo Ministério da Educação e Cultura no dia 17 de março de 2020, por meio da Portaria 343/2020, findou em um grande desafio para a mulher docente, qual seja: dividir em um espaço doméstico de atribuições diárias, de cuidado com os filhos, estudos dos filhos e, ainda, o exercício do labor também em casa. Isso faz com que as mulheres de classes econômicas mais baixas enfrentem cotidianos de jornadas exaustivas, por conta da intersecção de responsabilidades profissionais e familiares.

No entanto, o discurso biológico corrobora o papel de vulnerabilidade da mulher docente na atualidade, sob a justificativa dos seus instintos naturais, enraizando nela o papel de cuidadora, ante sua capacidade de procriação, conforme Saffioti (1978). Assim, aliando os conceitos de gênero às relações de poder entre homens e mulheres, Harding (1993) ressalta sobre a construção da desigualdade entre eles, com a discriminação da mulher na produção do conhecimento. De modo que, resta-nos reconhecer, ante o cenário atual da pandemia do Coronavírus, que, em pleno século XXI, ainda resgatamos as relações culturais de sufocamento da mulher na sociedade, com alto grau de responsabilidade pelo cuidado geral, sobremaneira, a vulnerabilidade no trabalho remoto das professoras.

Desse modo, a mulher docente sofre pressão duplamente da sociedade por, além de ser mulher e ter socialmente a atribuição da responsabilidade de cuidado do lar, do marido e dos filhos, tem a mesma sobrecarga no trabalho, por ser um local onde exerce também a função de cuidadora. Isso se agravou no contexto da pandemia do COVID-19, quando a docente perdeu a ajuda de redes de apoio, como creches ou familiares que cuidavam das crianças, que eram suporte para muitas mulheres, enquanto trabalhava ou buscava emprego, diante dos problemas socioeconômicos vivenciados por toda sociedade, além das consequências do isolamento social.

Nesse cenário, a entrega integral ao lar e ao trabalho, ainda que com vínculos de amorosidade e afago, pode gerar enfermidades físicas

e psíquicas nas professoras. Ademais, as desigualdades entre homens e mulheres, assim como um sistema de opressão econômica, na sociedade patriarcal, mostram-se como elementos que promovem a distinção no trabalho e riscos de adoecimento em algumas mulheres professoras.

Decerto, as mulheres, principalmente casadas, com filhos e, mais ainda, as mães solo, suportam a desigual repartição de tarefas no lar, segundo Oliveira (2020). Ao longo do isolamento social, revelou-se sobremaneira a desigualdade de gênero, uma vez que em razão de uma construção da divisão sexual do trabalho, as mulheres docentes se expuseram a jornadas de trabalho intensas, privando-a de suas horas de lazer e descanso.

De um lado, os trabalhos domésticos, na maioria das vezes, não são realizados por homens ou, quando são, não há uma divisão equânime das tarefas, o que aumenta a sobrecarga de trabalho feminino, como explica Rodrigues (2020, p. 45): “A participação masculina, com honrosas exceções, destina-se a ajudar a esposa ou a companheira, mas desde que não haja comprometimento da atuação profissional masculina”; além disso, as mulheres docentes, como maioria dessa categoria profissional, ficaram sobrecarregadas pela intersecção das funções domésticas e laborais, acumuladas em um mesmo espaço. Assim, mostra-se de extrema importância o papel fundamental e equilibrado das mulheres docentes para a superação da pandemia e de suas consequências sociais, especificamente, na educação.

3. ANÁLISE DE NOTÍCIAS DE VIDEOAULA DE PROFESSORA EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

O presente estudo tem como escopo a análise de como a professora, pertencente à classe desfavorecida economicamente, no contexto da Pandemia, revelou-se vulnerável no seu trabalho, diante das diversas atribuições que lhe são impostas pela sociedade. Desse modo, neste capítulo, passa-se a analisar 3 notícias que relataram sobre uma mesma ocorrência que foi a viralização de uma aula gravada, em que uma professora, de Bezerros-PE, explicita sua impaciência com a situação que estava passando, diante da sobrecarga em ter que conciliar o trabalho exercido de modo remoto, com os cuidados de sua família, como esposa e mãe. O que, para desempenhar essas múltiplas funções numa sociedade

machista, a consequência é a elevada sobrecarga de trabalho para a mulher docente.

Entretanto, ao analisar as 3 notícias, obtidas a partir do site de busca *Google*, por meio das palavras-chave: “professora” “Bezerras” “casinhas”, observa-se a forma como se quer conduzir as matérias, principalmente pelo título que é dado à reportagem.

A **Notícia 1** foi extraída do site do NE 10, cujo título é **“Sou esposa, mãe e profissional”, diz professora que perdeu a paciência e destruiu casinhas”**:

A **Notícia 1** foi extraída do site do NE 10, cujo título é **“Sou esposa, mãe e profissional”, diz professora que perdeu a paciência e destruiu casinhas”**:

Trabalhando há 15 anos na educação infantil no Instituto Pequeno Príncipe, em Bezerras, no Agreste de Pernambuco, Micaelly Miranda ficou assustada depois que viu sua imagem viralizar nas redes sociais nas últimas semanas. Ela aparece em um vídeo mostrando casinhas de emborrachado aos alunos, e os personagens que moravam nelas. Porém, as casinhas começam a cair, e cada vez que a professora coloca uma de pé, a que está ao lado cai. Perdendo a paciência, Micaelly joga todas para cima e destrói o cenário que montou para a aula.

Ao NE10 Interior, Micaelly conta que ficou assustada de início, mas que agora está “curtindo a fama do momento”. Com a pandemia do novo coronavírus, que fez as aulas presenciais serem suspensas em todo o Estado, a professora precisou gravar as lições para os pequenos do Infantil 3.

O problema é que, pega de surpresa, ela não tinha os equipamentos necessários para fazer as gravações: o celular não tem memória suficiente e o display está com problema. A solução foi pedir o apoio do sobrinho e de duas amigas, que participam com ela das gravações.

Durante a semana, Micaelly prepara o que vai falar nas aulas e passa um dia inteiro gravando, para depois disponibilizar os vídeos em uma plataforma de acesso exclusivo aos pais e responsáveis dos alunos.

No momento do vídeo, a professora gravava uma aula para falar sobre a moradia. “Eu estava gravando seis vídeos, aquele era o último. Eu já estava cansada de estar lá gravando parada e as casinhas caindo”, relembra.

Depois do momento inesperado, todos riram e em seguida continuaram a gravação da aula, que aí sim foi disponibilizada para as crianças. O vídeo dos bastidores foi compartilhado com o grupo de professores no WhatsApp e após a autorização da direção do instituto, foi divulgado em outras plataformas e viralizou.

Nova rotina

Enquanto muita gente achou engraçado e se identificou com a professora, Micaelly diz que recebeu alguns comentários negativos, mas que se prende aos positivos e de apoio à profissão que exerce há 15 anos. Mãe de um menino de quatro anos, ela precisa se dividir entre as tarefas da casa e o novo formato da profissão. “Sou esposa, mãe e profissional, então tenho que conciliar essas três e fazer todas as funções com maestria”, declarou.

Para ela, houve dificuldade de adaptação no início, mas com o tempo foi conseguindo se ajustar ao novo formato de ensino. “O comum é o calor da criança, estar em contato com eles. Mas a gente não pode deixar eles sem aula, eu tenho que abraçar o que está sendo oferecido para mim e oferecer o melhor de mim aos alunos, preparando os materiais com carinho”, disse.

Assim, percebe-se que o título da matéria dá a real abordagem ao caso, mencionando o que a professora disse ao perder a paciência pelo fato de ter que se adaptar ao “novo” na pandemia do Coronavírus, acumulando atribuições de esposa, mãe e professora.

Nessa narrativa, percebe-se as inúmeras responsabilidades que são ofertadas às mulheres, ante o sentimento de obrigação pelo exercício com maestria das funções de esposa, mãe e professora, como se pode ver no seguinte trecho: “Mãe de um menino de quatro anos, ela precisa se dividir entre as tarefas da casa e o novo formato da profissão. “Sou esposa, mãe e profissional, então tenho que conciliar essas três e fazer todas as funções com maestria”, declarou”.

Ademais, observa-se constar na matéria a foto da professora impaciente, colocando o foco da matéria na situação de vulnerabilidade apresentada pela professora. Esse sentido imagético permeia pela mente da sociedade e repercute na naturalização da situação, levando ao imaginário coletivo a ideia de ter a professora cometido um erro em sua atitude.

A **Notícia 2** foi extraída do site do Uol, cujo título é **“Deu ruim! Professora que perdeu a paciência com atividade em vídeo explica o que aconteceu”**:

Micaelly Miranda, professora há 15 anos na educação infantil, acabou viralizando na internet após perder a paciência com uma atividade. Ops! Em um vídeo, ela aparece mostrando casinhas de um material emborrachado para os alunos, mas parece que não estava dando muito certo.

Ao tentar arrumar os objetos por diversas vezes, a professora acaba desistindo e destruindo todo o cenário que havia montado. Em entrevista ao NE10 Interior, Micaelly explicou o que aconteceu e que agora está rindo muito da situação.

Por causa da pandemia de coronavírus, a professora precisou realizar as gravações das aulas em casa e acabou passando por diversos perrengues: celular sem memória e display com problema. Para conseguir filmar, ela pediu até mesmo a ajuda do sobrinho e duas amigas.

“Eu estava gravando seis vídeos, aquele era o último. Eu já estava cansada de estar lá gravando parada e as casinhas caindo”, contou. “Sou esposa, mãe e profissional, então tenho que conciliar essas três e fazer todas as funções com maestria”.

Após o incidente, toda a família riu muito com a cena e o vídeo dos bastidores até acabou viralizando em uma conversa no grupo de whatsapp! Felizmente, o momento de estresse passou e agora ela pode se divertir muito com o momento. Ufa!

Essa matéria deixa clara a impaciência vivenciada no trabalho exercido pela professora, além de elucidar como a sociedade encara e naturaliza essa angústia e exaustão.

Inicialmente, a matéria começa com a frase: Deu ruim! Com essas palavras, leva-se a crer que ocorreu um problema originário da professora, por ter perdido a paciência. Esse fato demonstra o total descaso da matéria com a mulher que está sobrecarregada. Além de ao final, constar: “Felizmente, o momento de estresse passou e agora ela pode se divertir muito com o momento. Ufa!”

Esse desfecho ilustra a naturalização do sofrimento da mulher, da sobrecarga dela, da responsabilidade que lhe outorgam de cuidar e dar conta de tudo, e quando não consegue dar conta, o natural é ter que relevar, para não se estressar.

Ao tratar o estresse como passado e dizer que agora a professora está se divertindo, quando a situação ainda não passou, é tratar de forma obscura o real problema - a situação vulnerável a qual a mulher professora vivenciou no ensino remoto, ainda mais claramente.

Mais uma vez, as imagens retratadas levam ao imaginário das pessoas apenas o estresse que a professora teve, sem retratar e dá a devida importância ao problema central: o afogamento em inúmeras atribuições.

A **Notícia 3** foi extraída do site do Dol, cujo título é “**Professora que teve ‘ataque’ durante atividade infantil se justifica**”:

O vídeo da professora Micaelly Miranda, que trabalha há 15 anos na educação infantil, viralizou nas redes sociais esta semana, após ela ter um “ataque” durante uma atividade para crianças. As informações são do UOL.

No vídeo, a professora aparece mostrando casinhas de emborrachado aos alunos, e os personagens que moravam nelas. Porém, as casinhas começam a cair, e cada vez que ela coloca uma de pé, a que está ao lado cai. Perdendo a paciência, Micaelly joga todas para cima e destrói o cenário que montou para a aula.

Com a pandemia do novo coronavírus, que fez as aulas presenciais fossem suspensas em vários Estados, ela faz parte dos professores que precisaram se reinventar e gravar as lições para os pequenos.

O problema, segundo Micaelly é que, assim como muitos, foi pega de surpresa. Ela conta que não tinha os equipamentos necessários para fazer as gravações, já que o celular não tem memória suficiente e o display está com problema.

Diante disso, a solução foi pedir o apoio do sobrinho e de duas amigas, que participam com ela das gravações. Durante a semana, a professora grava as aulas, para depois disponibilizar os vídeos em uma plataforma de acesso exclusivo aos pais e responsáveis dos alunos.

No vídeo que viralizou, a professora gravava uma aula para falar sobre a moradia.

“Eu estava gravando seis vídeos, aquele era o último. Eu já estava cansada de estar lá gravando parada e as casinhas caindo”, relembra Micaelly.

O vídeo dos bastidores foi compartilhado com o grupo de professores no WhatsApp e após a autorização da direção do Instituto Pequeno Príncipe, em Bezerros, no Agreste de Pernambuco, onde ela trabalha, foi divulgado em outras plataformas e viralizou.

Mas, nem todo mundo entrou na brincadeira. Micaelly disse que recebeu muitos comentários negativos.

“Sou esposa, mãe e profissional, então tenho que conciliar essas três e fazer todas as funções com maestria”, ressaltou ela, que é mãe de um menino de quatro anos, e agora precisa se dividir entre as tarefas da casa e o novo formato da profissão.

Nessa matéria, demonstra-se a culpabilização da professora, quando aspeia e destaca a palavra *ataque*, mostrando a ênfase que quer se dá à impaciência da professora. No entanto, deixa de questionar o real problema do machismo existente no imaginário social e isso acaba sobrecarregando as mulheres, principalmente no contexto da pandemia do Coronavírus.

Em relação à imagem dessa matéria, igualmente as demais, só registra a cena da professora, jogando as casinhas para cima, salientando apenas o extravaso da educadora, sem, também, demonstrar o verdadeiro motivo do abalo mental anterior ao acontecido.

Por fim, a partir da análise das três notícias acima citadas, observa-se que em todas foram dados mais ênfase ao vídeo da professora e a repercussão que ele teve, pois, apesar de narrar que a professora afirmou estar cansada pelas imensas atribuições a serem exercidas e com grandes cobranças em todas elas, não destaca o fato da sociedade machista e patriarcal contribuir para acontecimentos como esse. Desse modo, resta indubitável que a mídia jornalística conservadora não alerta a população para uma crítica social da situação de preconceito de gênero da mulher, e, portanto, contribui para a manutenção do *status quo* da sociedade patriarcal, sem fazer o seu papel de despertar a sociedade para uma visão mais humanista da situação.

Contudo, a notícia 2 nos chama a atenção, porque, além de não dar a ênfase devida, ainda inicia a matéria com “Deu ruim!”, levando a crer que a situação da professora foi algo ruim, negativo. E, ao final, naturaliza a situação, ainda colocando o sentimento de felicidade na professora, mesmo diante da sua exposição de sufocamento, conforme trecho: “Felizmente, o momento de estresse passou e agora ela pode se divertir muito com o momento. Ufa!”

Dessa forma, todos os textos jornalísticos analisados poderiam explorar a raiz do problema, pois a exaustão e o adoecimento mental das mulheres docentes não podem mais ser tratados como piada, como se fosse algo natural. Além disso, os políticos e as leis precisam ser eficazes

para combater o machismo, conservadorismo e negacionismo que existem por trás de todo esse problema.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o presente artigo foi exploratória, valendo-se inicialmente do método da pesquisa bibliográfica, embasada em leituras e fichamentos dos livros: 1. Gênero, sexualidade e educação, de Guacira Lopes Louro; 2. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista, de Sandra Harding; 3. A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade, de Heleieth Saffioti; e 4. Como teorizar o patriarcado, de Raewyn W. Connel, bem como de artigos já publicados nos anos de 2020 e 2021, com temas relacionados ao presente estudo. Além disso, outras fontes bibliográficas, de algum modo, ampararam na revisão e discussão do tema abordado.

Após o estudo teórico foram selecionadas matérias jornalísticas, a partir de pesquisa no site *Google*, utilizando-se as palavras-chave: “professora”, “Bezerros”, “casinhas”, que noticiaram o caso que demonstra a ocorrência de situação de vulnerabilidade na função de uma professora, a qual é negligenciada. Esse caso foi escolhido pela grande repercussão que teve e, principalmente, por ter ocorrido no estado de Pernambuco, na cidade de Bezerros.

No presente trabalho, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo da abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2010), remete ao universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A análise de conteúdo que se pretende utilizar é a definida por Bardin (1995, p.38), como “a análise que tem que tem a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), interferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Na mesma linha de raciocínio, Franco (2003) elucida que as informações colhidas precisam ser acompanhadas pelo contexto e experiências em que foram elaboradas e construídas, sendo a mensagem a expressão de um significado e sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função desempenhada pela mulher professora é de extrema importância, visto que repercute na educação da sociedade. Dessa maneira, faz-se necessária a sua valorização humana, com igualdade no tratamento entre a professora e o professor, no desempenho de suas profissões e nas remunerações.

No contexto emergencial do ensino remoto, vivenciado na pandemia do Coronavírus, as professoras, que são maioria no ensino brasileiro (BRASIL, 2021), tiveram que se reinventar e estimular seus alunos a partir de aulas motivadoras, além de terem o desafio de conseguir oferecer aulas para alunos sem acesso a eletrônicos, haja vista a grande desigualdade social e econômica evidenciada nesse cenário pandêmico.

Diante das inúmeras dificuldades no exercício do seu labor, as educadoras ainda tiveram que interligar os trabalhos domésticos, que, na maioria das vezes, não são divididos com seus companheiros, em razão da cultura machista embutida na sociedade. Assim, a divisão sexual do trabalho, que responsabiliza a mulher educadora pelos papéis de cuidado e assistência, gerou uma sobrecarga de trabalho para ela, que a tornou suscetível em suas condições de trabalho.

Esta vulnerabilidade sofrida ficou bem visível na situação da mulher professora que teve sua videoaula viralizada, em razão de seu extravaso ao jogar as casinhas, objeto da aula, para cima e depois ter informado que o fato se sucedeu em razão de ter que conciliar a maternidade, além de ser esposa e dona de casa, e ainda ter que exercer todas as funções com maestria. Fatos como esses amparam a maneira como se entendem as professoras mulheres, no sentido de que seus comportamentos devem corresponder ao que socialmente determinam para o seu gênero.

Diante disso, espera-se, com o presente estudo, ampliar a visão que os políticos, profissionais, pesquisadores e operadores do direito têm sobre a mulher professora e seus direitos, de modo a promover sua valorização social e financeira, entre outros aspectos. Além disso, é importante a criação de políticas públicas para essas mulheres educadoras no contexto da pandemia do Coronavírus, de modo que o Estado se comprometa e incorpore como interesse público a igualdade entre homens e mulheres na sociedade e no trabalho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C.; SANTOS, F. N. F.; LIRIO, V. S.; BOHN, L. Reflexões sobre as relações entre desigualdade de gênero, mercado de trabalho e educação dos filhos. **Observatório Socioeconômico da COVID-19**. Texto para discussão – 26, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona Edições, 1977.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020**: resumo técnico [recurso eletrônico] – Brasília: Inep, 2021.

CONNEL, R.W. **Como teorizar o patriarcado**. Educação e Realidade, v. 15, n.1, p. 85-93, jul./dez. 1990.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

HARDING, S. A Instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 7-32, 1993.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação, uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 12ª edição. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

OLIVEIRA, A. L. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da covid-19. **Revista Tamoios**. [S.l.], v. 16, n. 1, maio 2020.

RODRIGUES, N. Q. C. Trabalho feminino em tempos de pandemia. Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região, Brasília, DF, v. 24, n. 1, p. 38-51, 2020.

SAFFIOTI, H. **A Mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1978.

SILVA, J. M. S.; CARDOSO, V. C.; ABREU, K. E.; SILVA, L. S. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Revista feminismos**. Vol. 8, n. 3, set.-dez. 2020.

ZIRMMERMANN, T. R.; VICENTE, J. A. P.; MACHADO, A. A. Análise de gênero a partir da economia do cuidado em tempos de pandemia: estudo de caso de mulheres-cuidadoras de crianças em CEMEI. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 7, n. 3, p. 26092 - 6112, 2021.